

EDITORIAL

O segundo número da Revista INTERthesis de 2019, em uma edição que traz 8 (oito) artigos e uma resenha, se inicia com importantes debates relacionados aos estudos de gênero, como violência doméstica, masculinidades e educação.

O primeiro artigo, intitulado “Mulheres em situação de violência doméstica: aspectos referentes ao empoderamento feminino”, tem como objetivo conhecer o processo de empoderamento de mulheres em situação de violência doméstica. Como panorama teórico, Paloma Abelin Saldanha Marinho e Hebe Signorini Gonçalves apresentam o conceito de empoderamento e os principais debates a ele interligados, enquanto que, metodologicamente, foi utilizada a pesquisa-intervenção em um grupo de reflexão em um Centro de Referência para mulheres em situação de violência no Rio de Janeiro. Dentre os resultados, as pesquisadoras destacaram a pertinência do uso do conceito para os estudos de gênero e violência doméstica.

Em “As representações de corpo, gênero e masculinidades no filme ‘Hércules’”, Rafael Marques Garcia, Alan Camargo Silva e Erik Giuseppe Barbosa Pereira realizam uma análise fílmica da animação dos Estúdios Disney, com o objetivo de compreender as representações sobre corpo e gênero empregados na obra. Durante a trama, puderam ser encontrados diversos ícones e mensagens acerca de quais corpos são válidos e aceitáveis, o que, de acordo com a conclusão dos autores, colabora na reprodução de preceitos normativos e coercitivos de corpo e masculinidades ao público infantil.

O terceiro artigo apresentado neste número parte da relação entre gênero e educação para discutir as representações sobre o feminino santificado no Cariri cearense. Nele, Polliana de Luna Nunes Barreto e Patrícia Helena Carvalho Holanda observam que tal feminino santificado atua como elemento de amoldamento dos sujeitos, na medida em que é também amoldado por meio de um fenômeno educativo *lato sensu*. A abordagem perpassa a escrita em estilo hagiográfico sobre Luzia Coelho como elemento de propagação de modelos para o feminino, e



considera a observação da história de vida das santas como importante ferramenta para compreensão sobre a interferência de contextos históricos na constituição de valores brasileiros para a idealização da Santidade e dos papéis femininos. A conclusão revela como a vinculação do discurso relacionado ao código moral católico-cristão, bem como os aspectos relativos à manutenção da família nuclear aliado aos elementos educacionais, propagam funções para o feminino, constroem sua santidade e contribuem para a manutenção de violências.

Abrindo a área de Condição Humana na Modernidade, temos o artigo “Caipiras e sertanejos: Raça e nacionalidade em Euclides da Cunha e Monteiro Lobato”, que traz uma reflexão sobre o sertanejo e o caipira como tipos raciais e literários. A partir de um percurso sobre a relação raça e nacionalidade, José Wellington Souza faz uma análise dos autores Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, buscando mostrar como a construção literária desses estereótipos está atravessada por questões biológicas, históricas e sociológicas.

Dando continuidade à discussão sobre estereótipos iniciada no artigo anterior, o quinto e o sexto artigos têm enfoque em populações historicamente vulnerabilizadas nos processos de distinção social. Em “Percepção de diferenças intergrupais e infra-humanização”, Sheyla Christine Santos Fernandes e Marcos Manoel Pereira apresentam um estudo quantitativo sobre a atribuição de emoções a negros e brancos. Embora os dados apontem que se atribui de forma similar emoções primárias (as mais associadas à ideia de “instinto”) aos dois grupos, observou-se que as emoções secundárias (mais associadas às ideias de “cultura”, “educação” ou “polidez”) foram mais associadas aos brancos que aos negros. Assim, conclui-se que é grande a necessidade de novas pesquisas sobre o tema da infra-humanização.

Já no sexto artigo, intitulado “O que é a prisão para você? Significados da prisão para presos e agentes”, Nathalie Guerra Castro Albuquerque, Sylvia Cavalcante e Karla Patrícia Martins Ferreira inovam ao utilizar a Psicologia Ambiental para tratar do cotidiano nas prisões. Para isto, foi realizada uma pesquisa etnográfica, com entrevistas abertas com internos e agentes penitenciários a partir da pergunta “O que é prisão para você?”. Observou-se que ambos os grupos tendem a ver a prisão como uma resposta da sociedade ao delito, e que o ambiente prisional tanto pode ser vivenciado como castigo, principalmente pelo desmonte da identidade grupal, quanto como uma oportunidade reconstrução de si mesmos.

“Gênese, démarche e desenvolvimento da abordagem normativa em epistemologia” é o sétimo artigo dessa edição, e traz uma reflexão sobre a abordagem normativa a partir de suas variações temáticas. De autoria de Valdirlen do Nascimento Loyolla, o texto discute normatividade e relativismo epistêmico, destacando o que diferencia a epistemologia normativa tradicional da transcendental, e aponta obras e autores relevantes para novos estudos sobre a questão.

No último artigo, Johanna Gondar Hildenbrand e Francisco Ramos de Farias partem do conceito de contemporâneo de Giorgio Agamben, para demonstrar como Walter Benjamin pode ser considerado um pensador contemporâneo em relação ao seu tempo e ao tempo atual, tomando como referência a visão do filósofo alemão sobre a modernidade e sobre o cinema, entendido como arte e técnica que permite outras formas de perceber e sentir o mundo. Intitulado “Walter Benjamin: Um contemporâneo de seu próprio tempo”, o texto traz também uma reflexão sobre choque e trauma, contrapondo à visão benjaminiana a postura crítica de Theodor W. Adorno.

Esta edição conta ainda com uma resenha, também na área de Condição Humana na Modernidade: “A frágil democracia: Simone Weil e o fim dos partidos políticos”. No texto, Eduardo Portanova Barros analisa o livro “Sobre a supressão geral dos partidos políticos”, da filósofa francesa Simone Weil, publicado em 2018, incluindo seu posfácio “Partido, cultura, futuro”, de Teixeira Coelho.

Partindo da alegoria nietzscheana da oposição entre o apolíneo e o dionisíaco, Barros conclui, como Simone, que os partidos políticos deixam de representar o primeiro caso e passa a representar o segundo: da função sagrada de libertação dos males que atingem a todos, passa à função da embriaguez estética em um contexto de super-homens individualistas. Assim, a democracia perde sua função representativa, e o modelo dos partidos políticos decreta (ou demonstra, porém esconde), sua falência.

Considerando que esta edição agrupa contribuições tão importantes para a compreensão do contexto brasileiro contemporâneo, esperamos que a leitura seja agradável, prazerosa, e fomentadora de novas discussões!

Elaine Schmitt, Macelle Khouri Santos e Virgínia Lima dos Santos Levy

Editoras assistentes